

Como se adquire a humanidade? Os exercícios de experiência ética¹

Ursino Neto

*Ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação
momentânea para a vida; é uma forma de vida.*
(Michel Foucault)

É preciso que incessantemente se excedam a si mesmos.
(Friedrich Nietzsche)

*À medida que alguém devém,
aquilo que devém muda tanto quanto ele próprio.*
(Gilles Deleuze e Claire Parnet)

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 A relação entre o saber que nos torna humanos e a sua vivência
 - 2.1 O saber dos exercícios de experiência ética da Antiguidade
 - 2.2 O saber do “momento cartesiano” e a quase extinção dos exercícios éticos
 - 2.3 O saber da superação do “momento cartesiano” como possibilidade do exercício ético contemporâneo: o *tornar-se o que se é*
 - 2.4 O saber do PensArteCorpo como um exercício de experiência ética atual
- 3 Considerações finais

1 Considerações preliminares

Como se adquire a humanidade?

De imediato, este questionamento nos remete à interpretação sobre a possibilidade de nos tornar humanos como sendo uma condição adquirida ao longo da vida e não um traço genético garantido por intermédio do nascimento.

Fatos históricos comprovam o caráter “inumano” de crianças que são privadas de uma efetiva sociabilidade intermediada por outros seres humanos.

Embora tenham inteligência, elas são pequenos seres vivos incapazes de desenvolver as dimensões da linguagem e do pensamento. Um exemplo conhecido é a triste história do garoto alemão Kaspar Hauser (1812?-1833).

Sendo assim, o dado concreto indicativo da nossa aquisição do fator que nos diferencia dos mamíferos superiores é a linguagem e o convívio com outros indivíduos humanos.

A filosofia grega clássica na alvorada da cultura ocidental é a fonte da corrente de pensamento e do saber que moldam o seu contorno atribuindo-lhe significado e valor.

¹ Texto didático 7 (graduação 2020.1), uma referência para produzir um exercício de experiência ética.

Em linhas gerais, para os gregos, o marco interpretativo do significado era o substantivo *Ethos* concernindo ao caráter, ao modo de ser do homem que buscava potencializar a sua excelência (*aretê*) adquirindo uma forma de vida (*bíos*) para justificar o seu convívio na comunidade.

Portanto, na origem, *saber-produzir* a si mesmo era o que nos tornava humanos. Nessa atividade, se constituía o indivíduo visando à participação e ao pertencimento de um coletivo.

Hoje, o saber da bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* interpreta esta produção de si como um exercício de experiência ética ou invenção de si.

A tradição dos exercícios éticos teve início com Sócrates.

Para ele, um preceito ou máxima da sua cultura, conhece-te a ti mesmo (em grego, *gnôthi seauton*; em latim, *nosce te ipsum* ou *temet nosce*), era a referência para avaliar a própria vida.

O filósofo francês Michel Foucault interpretou a mudança paradigmática de valor socrático como um exercício ético a partir do autoexame da alma como um ocupar-se de si mesmo, um cuidado de si (*epiméleia heauton*)².

No decorrer da história, a lista dos exercícios de experiência ética é extensa: “conhecimento de si”, “cuidado de si”, “exercício espiritual”, “prática de si”, “técnica de existência”, “tornar-se o que se é” etc.

Tais exercícios foram identificados por intermédio de diversas atividades enfocando diferentes conteúdos de acordo com a época, com o seu proponente, com a corrente de pensamento na qual se inseria e até do intérprete que estabeleceu a nomenclatura delas para a posteridade.

Desde os primeiros registros encontrados entre os escritos da Escola de Pitágoras e na difusão deles por meio do chamado “movimento pitagórico”, essas experiências tinham a intenção de estimular o indivíduo na busca de adquirir sabedoria de vida e de se tornar melhor.

Elas perduraram com destaque no Ocidente por aproximadamente um milênio quando declinaram para um papel secundário na Idade Média até o oblívio e quase desaparecimento durante a Modernidade com a ruptura efetuada pelo “movimento cartesiano”.

Foucault considerou esses exercícios como sendo um dos principais vetores da construção da forma de vida, do processo de subjetividade ou subjetivação na cultura ocidental.

A sua pesquisa, substrato do Curso ministrado no Collège de France no período de 1981-1982 e, posteriormente, publicada como livro - *A hermenêutica do sujeito* -, explora de partida a expressão em grego *epiméleia heauton* (cuidar de si mesmo, ocupar-se consigo)³.

Outro autor relevante na investigação da temática é o filósofo historiador Pierre Hadot, também docente do Collège de France. Ele iniciou o primeiro capítulo do seu livro clássico⁴ analisando porque escolheu a expressão “exercícios espirituais”.

Em primeiro lugar, justificou a recusa de nomes como “moral”, “intelectual”, “do pensamento” ou “da alma” para qualificar a palavra “exercício”, pois estes termos não atingiam plenamente o fenômeno que ele pretendia estudar.

Hadot reconheceu a assertiva do nome “ético”; entretanto, por fim, optou pela palavra “espiritual” porque ela permitia interpretar os tais exercícios não como um

² Cf. FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

³ Em latim, o termo é *cura sui*, cuidar de si.

⁴ Cf. HADOT, P. **Ejercicios espirituales y filosofía antigua**. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.

produto somente do pensamento; mas, sobretudo, da totalidade psíquica do indivíduo, incluindo imaginação, sensibilidade e vontade.

O exercício espiritual abrangia e articulava quatro temas interligados: aprender a ler, aprender a dialogar, aprender a morrer e, sobretudo, aprender a viver.

Atualmente, para se compreender a real dimensão do conceito de exercício da experiência ética da Antiguidade é necessário interpretá-lo como um “processo de conversão” em que alguém se despojava do apego a objetos exteriores e dos prazeres proporcionados por eles.

Tal processo era conhecido como *askésis* (tradução do grego, ascese) sendo um método de observação interior permanente e de domínio de si mesmo com a intenção de encontrar a felicidade na liberdade que o exercício proporcionava.

Ao longo do tempo, o principal exemplo de exercício ético, o cuidado de si, passou a ser interpretado como um conhecimento de si e o seu saber também se transformou dirigindo-se para outras referências distintas daquelas de outrora.

Ao “momento cartesiano” (já estudado em texto anterior), fenômeno ocorrido entre os séculos XVII e XIX, se atribui a principal responsabilidade por tal alteração ao determinar a hegemonia da corrente de pensamento denominada racionalismo.

Como se sabe, os questionamentos a esse modelo de pensar foram iniciados na própria Modernidade. Eles incidiram tanto sobre o processo de conhecer quanto sobre os limites da natureza peculiar do agente do conhecimento.

O fato relevante do acontecimento histórico compreendido como exercício ético é a relação que ele estabelece entre um saber, no caso, a ética e a própria experiência de vida de quem o pratica.

Para nós, sem dúvida, isso tem o valor da bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* que vivenciamos hoje.

A pesquisa aqui realizada apresenta como referência a seguinte problematização: qual o significado, o valor e as implicações dos exercícios éticos na Antiguidade? Por que eles quase foram extintos com o advento da Modernidade? Qual a condição possível para se vivenciar um autêntico exercício de experiência ética no contemporâneo? O PensArteCorpo se expressa como um deles em pleno século XXI?

O objetivo do texto didático é estudar a relação entre o saber que nos torna humanos e a sua vivência, para compreender o PensArteCorpo como um exercício de experiência ética atual.

2 A relação entre o saber que nos torna humanos e a sua vivência

O que me torna humano é um saber?

De partida, este problema nos soa estranho e, de imediato, qualquer um de nós atualmente poderia hesitar para responder.

Entretanto, para a filosofia grega clássica, no início da cultura ocidental, a resposta, límpida e sem evasivas, era sim.

A experiência do tornar-se humano era conduzida por um saber que integrava a natureza individual às dimensões da comunidade e do cosmos.

No contemporâneo, compreendemos tal saber como sendo a ética ou, para nós, a bioética como *ética-da-vida* ou *aionética*.

2.1 O saber dos exercícios de experiência ética da Antiguidade

Para os gregos, o saber que os moldava enquanto humanos expressava o seu autêntico valor na intenção de buscar e viver uma sabedoria de vida, manifestando mais

do que a dimensão cognitiva de um plano conceitual lógico porque eram gestos, atitudes para consigo, para com os outros e para com o mundo.

Tal saber era uma “cultura de si”, sendo adquirido na atividade do exercício ético como um exercício espiritual ou um cuidado de si.

O prodigioso estudo de Michel Foucault perfilou a “cultura de si” em um trajeto compreendido da filosofia grega clássica (século V a.C.) até o período helenístico-romano (século V d.C.), quando ela perdeu paulatinamente relevância e espaço para o ascetismo católico.

A partir do texto *Apologia de Sócrates*, Foucault estudou a obra de Platão. Nela, realizou uma análise primorosa do livro *Alcibíades*, modulando o cuidado de si como um preceito de vida que se estende ao estoicismo romano destacando Sêneca com o texto *Cartas à Lucílio* e Marco Aurélio com o livro *Meditações*.

Para o filósofo francês, a “cultura de si” implicava um conjunto de atividades sintetizadas pelo termo *áskesis* (ascese).

O que significava e qual o valor da *áskesis* na Antiguidade?

Ela era uma “produção da verdade” colocando em questionamento a relação entre o indivíduo e o conhecimento na perspectiva de desvelar “o que fazer de mim mesmo”.

A *áskesis* preparava o ser humano para os acontecimentos da vida, ou seja, o munia com um instrumental útil para ser empregado no futuro em situações nocivas quase sempre imprevistas.

Tal preparação era constituída de “discursos verdadeiros” que o homem endereçava a si mesmo transformando o seu pensamento (*lógos*) em um modo de ser (*Ethos*), em uma forma de vida (*bíos*).

Em grego, esses discursos compunham uma espécie de manual de instruções chamado *paraskeuê*.

Quando a Igreja católica romana tornou-se hegemônica, apropriou-se do conceito original de *áskesis* do pensamento filosófico e o submeteu ao seu próprio ditame teológico.

Com isso, a concepção grega foi alterada, pois a ascese religiosa tinha um objetivo distinto: alcançar a salvação em outro mundo, naturalmente, após a morte.

O professor e filósofo francês Frédéric Gros, em um artigo muito interessante, sublinha na pesquisa de Foucault a “história das técnicas de subjetivação, história do olhar a partir do qual eu me constituo para mim mesmo como sujeito”⁵.

Na interpretação de Gros, se destaca a distinção foucaultiana entre “de um lado, o sujeito moral e de outro, o eu ético”.

O “sujeito moral” é um ente dividido, substancialmente fragmentado. Aquilo que o faz apartado dele mesmo é um conhecimento de cognição inacessível.

Já o “eu ético” não se encontra cindido, mas simplesmente “defasado” devido a um deslocamento entre si e si mesmo. Este movimento é a obra de vida a ser realizada.

A oposição entre eles se expressa em duas interrogações que se contrapõem: “quem é você?” e “o que você está fazendo de sua vida?”.

A interrogação sobre quem você é se imbrica a outro questionamento: “quem sou eu?”. Para Foucault, esta questão é derivada da relação instaurada nos primeiros mosteiros cristãos entre o “diretor de consciência” e o “seu dirigido”.

Enquanto o problema “o que você está fazendo de sua vida?” é autenticamente grego indicando um projeto possível de emancipação, pois o que nos aprisiona é a busca de uma identidade que, por princípio, já nos fixa em um dispositivo de obediência a

⁵ Cf. GROS, F. **O cuidado de si em Michel Foucault** in Figuras de Foucault. (Orgs.) Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 28.

uma verdade determinada na promessa de outrem (confessor, psicólogo, psicanalista etc.)⁶.

Um esclarecimento derradeiro: há um valor comum agregando as atividades denominadas de exercícios de experiência ética na Antiguidade.

O conjunto delas se move pela compreensão de que a sabedoria de vida não se atinge somente pelo pensamento ou pelo discurso filosófico, é necessário o gesto, a ação, a vivência que justifica e autentica a forma de vida.

Ou nas palavras de Pierre Hadot: “*supone una manera de estar en el mundo, una manera que debe practicarse de continuo y que ha de transformar el conjunto de la existencia*”⁷.

Em síntese, por intermédio do exercício ético, o indivíduo desenvolvia uma metamorfose de si, observava-se para acompanhar o movimento da sua atitude com a intenção de adquirir o domínio sobre si mesmo.

Assim, ele encontrava a felicidade na independência interior, despojando-se do apego a coisas externas e a prazeres sensuais. Isto proporcionava-lhe a liberdade.

2.2 O saber do “momento cartesiano” e a quase extinção dos exercícios éticos

Michel Foucault problematizou o motivo pelo qual a experiência ética dos antigos foi paulatinamente perdendo força na cultura ocidental, tendo sido esquecida e praticamente desapareceu a partir da Modernidade.

A sua hipótese é associada à eclosão do que ele próprio colocou entre aspas: o “momento cartesiano”. A análise desse contexto já foi realizada no texto didático anterior, sendo assim, aqui somente uma súmula.

O “momento cartesiano” configurou-se como um acontecimento produzido entre os séculos XVII e XIX. Ele fez emergir os conceitos de sujeito, de objeto, de consciência e até a palavra “eu” (em latim, *ego*) adquiriu um novo significado.

O motivo foi atribuído ao domínio do recente método científico de interpretar a realidade associando dois conceitos: o *ego* e o pensamento.

O “eu” refletia em sua “alma” ou em seu “espírito” o mundo ordenado pelos signos da realidade, sendo capaz de descobrir as leis da Natureza ou do próprio real.

Tratava-se da representação das coisas pelo pensamento como protótipo do novo processo de conhecer - a ciência -, em cujo procedimento se destaca o sujeito (*sub-jectum*), o que subjaz, a base, o suporte do objeto (*ob-jectum*), o algo que dista deste substrato e que será capturado para análise produzindo o conhecimento.

Isso instaurou também o campo conceitual relativo à subjetividade expressando uma característica relevante da era moderna. Em outras palavras, foi inaugurado o conceito de consciência de si, isto é, a ação reflexiva do agente que se apropria dos seus atos, almejando-se livre e autônomo.

Esta é a chave para compreender a principal força responsável pela substituição do cuidado de si pelo conhecimento de si: o modelo de pensamento que se chamou filosofia do sujeito.

Foucault também destacou na abordagem do “momento cartesiano” o fenômeno da desqualificação do cuidado de si. Para isso, ele introduziu na análise o conceito de “espiritualidade”.

⁶ Confira a abordagem deste tópico realizada no texto didático 6.

⁷ Cf. HADOT, P. **Ejercicios espirituales y filosofía antigua**. Madrid: Ediciones Siruela, 2006, p. 236.

Esclarecendo: a filosofia grega clássica interrogava o discurso (*lógos*) que permitia ao indivíduo ter acesso à verdade, exigindo dele, no entanto, uma condição necessária para atingi-la.

Os exercícios de experiência ética se constituíram como esta condição: como um recurso para explorar a experiência individual intrínseca por intermédio da purificação, da renúncia de si, da conversão do olhar, da modificação da existência etc.

Tudo compreendido na expressão do termo *askésis*.

Como naquele período histórico ainda não existiam as palavras sujeito, subjetividade ou consciência (somente cunhados na Modernidade), o termo encontrado por Michel Foucault para designar a sua interpretação foi “espiritualidade”; óbvio, influenciado por Pierre Hadot.

Sintetizando com suas próprias palavras: “Durante toda a Antiguidade (para os pitagóricos, para Platão, para os estoicos, os cínicos, os epicuristas, os neoplatônicos etc.), o tema da filosofia (como ter acesso à verdade?) e a questão da espiritualidade (quais são as transformações no ser mesmo do indivíduo necessárias para ter acesso à verdade?) são duas questões que jamais estiveram separadas”⁸.

Agora se torna claro aquilo instituído e determinado pelo “momento cartesiano”: a redução das experiências de si somente à dimensão do sujeito que pensa.

A história a partir da Idade Moderna adquiriu outro rumo com o racionalismo e o método científico que restringiram o acesso à verdade ao próprio conhecimento e somente por intermédio dele.

Em outras palavras, a partir da Modernidade não é mais necessário para o indivíduo ter o seu ser transformado, modificado ou alterado, pois agora ele é capaz, em si mesmo, em sua consciência e só por seu ato de conhecimento cognitivo, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso.

Assim foi estabelecido o binômio sujeito - objeto na ciência com a “fórmula mágica” do método científico: o sujeito é a garantia de verdade do objeto.

Portanto, aceder ao platô da verdade unicamente pelo método científico é o ponto de inflexão na cultura ocidental que instaurou a supremacia de um saber – a ciência. Ela se tornou o *saber-poder* hegemônico e, por seu intermédio, o biopoder foi instituído.

Qual a condição possível para se resgatar e vivenciar um autêntico exercício de experiência ética no contemporâneo?

A resposta sem tergiversações exige um pressuposto: a condição só se torna possível hoje se superarmos as consequências do momento cartesiano.

2.3 O saber da superação do “momento cartesiano” como possibilidade do exercício ético contemporâneo

Friedrich Nietzsche foi avesso à soberania racionalista do século XIX. Ele produziu o *tornar-se o que se é* como um pensamento crítico antagônico àquela hegemonia.

Nietzsche ao desenvolver o pensamento do *tornar-se o que se é*, ultrapassou a interpretação tradicional do conceito de consciência psicológica elaborando uma “desconstrução da subjetividade moderna”⁹.

Inspirado em Píndaro 518 a.C. (?) – 438 a.C. (?), um poeta grego da época clássica, o filósofo alemão destacou o verso *genoí hoios essi mathon*.

⁸ Cf. FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 17.

⁹ De acordo com Michel Foucault essa desconstrução foi elaborada pelos “mestres da suspeita”: Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud.

Para apreender o sentido originário, Nietzsche cunhou a frase *como alguém se torna o que é* e a empregou em diferentes momentos da sua trajetória intelectual e literária, indicando por meio de diversas expressões um mesmo direcionamento: “descobrir-se a si mesmo”, “buscar a si próprio”, “fazer-se a si mesmo” ou “conhecer-se a si mesmo”. Tal perspectiva se insere no campo da educação ou da formação humana¹⁰.

No texto *Ecce homo*¹¹, Nietzsche comentando outro livro seu, *Assim falou Zaratustra*, expressou uma compreensão sintética de homem como “algo informe, um material, uma pedra feia que necessita de escultor”.

Dali segue que o *tornar-se o que se é*, ou seja, o fazer-se a si mesmo, o produzir a sua própria forma é um poder, uma prerrogativa, uma primazia do homem em relação aos outros seres vivos, pois ele é ao mesmo tempo o elemento originariamente indeterminado, ou seja, o *húmus*, a argila, e o escultor que conforma essa matéria.

Do original grego, *genoi hoios essi mathon*, ele não traduziu a palavra *mathon* (aprendido) que alude ao contexto de aprender, de aprendizagem ou do aprendizado.

A frase completa do poema deveria ter sido transcrita assim: “Tendo aprendido [conhecido o que você é], se torne como você é”. Aqui se exige uma pesquisa atenta para interpretar a intenção deliberada dele de omiti-la.

O pensamento nietzschiano é uma crítica à filosofia do sujeito. Ele considerava um equívoco a afirmação do pensamento filosófico tradicional estabelecendo a formulação do eu como o substrato da subjetividade ou da consciência.

Para o filósofo andarilho, o eu é uma ficção. Um integrante da estrutura gramatical para designar e sobrelevar o agente da ação.

Sendo assim, o *tornar-se o que se é* não concerne à consciência ou à noção de sujeito, mas àquilo que se inventa.

E o que seria este algo inventado? Uma substância, uma essência, ou o quê?

Seguindo a trilha de Heráclito, mas com uma inovação marcante, Nietzsche trouxe para a cultura ocidental uma nova filosofia.

Tudo está em devir, logo em permanente extermínio; entretanto, algo permanece, apesar da destruição: o ato inventivo.

Atualizando as suas palavras com Gilles Deleuze se diz: o homem é invenção, pois ele *devém*.

Qual a origem dessa invenção? O desejo da eternidade, de ser em permanência ou o desejo do novo, do futuro, do *vir-a-ser*, do devir?

A solução nietzschiana não é disjuntiva: ou isso ou aquilo, pois uma ação inventiva contínua imprime ao devir o caráter de ser, ou seja, o que se inventa é o *destino do ser*.

Por conseguinte, se abre outro signo do si mesmo, não mais um ser imóvel, permanente (originário de Parmênides, Platão etc.); porém, outra perspectiva emerge com o *tornar-se o que se é* porque desta expressão eclode agora um novo significado: o sinal de uma dinâmica, de um fluxo, de uma relação entre forças e potências.

Assim, daqui eclodiu um novo valor: um *inventor* é aquele(a) que *se torna*, ele(a) mesmo, o *presente*.

Exposto o cerne da crítica, se retorna à interpretação do pensamento original grego: *genoi hoios essi mathon*.

Esta frase poderia ter sido traduzida e compreendida como “conhece-te e torna-te o que tu és”. Ora, aqui o “conhece-te” é proveniente de um “conhecimento” que estabelece um ser com uma essência determinada, uma substância mensurável em sua

¹⁰ Cf. DIAS, R. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 12.

¹¹ Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

consistência gerando um “tornar-se” que é a direta e objetiva consequência do “conhecimento de si”.

Agora se vê com lucidez a superação realizada pelo pensamento de Nietzsche sobre a ontologia ortodoxa (o modo tradicional de interpretar o que é o ser) e sobre a filosofia do sujeito a partir da sua crítica ao conhecimento de si.

O salto se dá também sobre o pensamento racional-etiológico em que se afirma: tudo tem uma causa e um fim, isto é, a realidade é um fenômeno resultante de uma causa com um efeito direcionado para uma finalidade.

Há coerência no filósofo alemão quando interpretou o *tornar-se o que se é* como uma dimensão do ser humano que se destrói e se constrói coetaneamente no movimento de viver a realidade, de compartilhar o mundo e, principalmente, quando faz a experiência de si como uma vivência.

O *si* é uma força mantendo a composição do corpo em unidade aberta, Nietzsche o denominou de *Selbst* (em alemão), o *Si-mesmo*.

Para sintetizar, se compreende o *tornar-se o que se é* como um projeto de ultrapassagem do conhecimento de si e da subjetividade moderna.

Logo, segue o nosso problema específico: pode o PensArteCorpo ser um exercício ético em pleno século XXI?

2.4 O saber do PensArteCorpo como um exercício de experiência ética atual

Tendo o *tornar-se o que se é* superado as consequências nefastas do “momento cartesiano” relativas ao encarceramento do sujeito; então, se põe a perspectiva de considerá-lo referência para um exercício ético contemporâneo.

Inicialmente, é necessário interpretá-lo como um projeto de formação humana em simbiose com a vida porque não há experiência ética sem a sua inserção nela.

Ao resgatar a perspectiva nietzschiana de vida, se deixa patente a interpretação que a caracteriza como uma “forma ou expressão de crescimento da potência”.

A potência é energia, o desejo de expandir, o poder de criar, de crescer, de vencer as resistências é o que impulsiona o movimento da vida: é o valor mesmo desse movimento.

Em suma, se afirma: viver é vontade de *vir-a-ser*; portanto, uma *força de invenção*.

Entretanto, não há ato inventivo sem destruição porque inventar, criar, dar a forma é como esculpir e neste processo se inclui o destruir.

Então, agora se põe um questionamento essencial: para se desconstruir o eu se busca alicerce em quê?

A resposta tradicional manifesta o fundamento do conhecimento de si ou do “autoconhecimento” estudado na psicologia ortodoxa cuja garantia da verdade é a filosofia do sujeito amparada na racionalidade técnico-científica.

Aqui está o equívoco da tradição, pois tal racionalidade não pode esgotar todo o conhecimento possível sobre o homem. Há um enigma do humano pertencente a uma fronteira indiscernível - *o próprio si*.

Este *si* é desconstrução e invenção ao mesmo tempo e se relaciona com o *self autobiográfico* como uma atividade da “consciência meta-fenomenal” que não pode ser objetificada, tipificada, identificada em uma classificação.

A invenção de si não é balizada pelas condições de possibilidade do conhecimento da razão. Entretanto, se requisita outra condição indispensável: a dimensão fisiológica como plenitude. É necessário viver um estado de embriaguez imanente ao próprio prazer da vida, à paixão da vida que se vive.

Este é o *amor fati* nietzschiano: o amor ao destino inventado na própria invenção.

Agora se esclarece o motivo pelo qual na *ética-da-vida* ou *aionética* se exige o *amor fati* como um valor de dupla face que ao desconstruir o eu se põe a inventar o si.

Nesta experiência, o si não é o ser, o si não é o eu; o si é a vertigem da imanência, o si é o *pasearse*¹² como um movimento próprio da vida.

Como se sabe, poder e saber são congeminados, co-originários, entrelaçados em *poder-saber* ou *saber-poder*.

Então, coerentemente se afirma: na vida, a biopotência é um poder que desconstrói; mas, ao mesmo tempo, da vida se origina um saber como *sabedoria*.

A bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* não se constitui como uma filosofia do sujeito, mas como uma sabedoria, uma abertura para o caminho que nos torna autenticamente humanos.

O método da *ética-da-vida* ou *aionética* é o PensArteCorpo.

Ele não é um método científico, pois não caracteriza o si como um objeto da consciência psicológica.

O PensArteCorpo produz o si como uma vivência, uma sabedoria de vida, uma experiência singular relativa à unicidade *corpo-energia-mente* e, ao mesmo tempo, também desvela o valor da unidade aberta que a arte propicia como potência de invenção para a liberdade.

A arte se configura como uma oportunidade em que o homem se inventa e, a cada instante, persevera e se torna presente no perene.

3 Considerações finais

Por intermédio dessa breve narrativa é possível compreender a relevância dos exercícios de experiência ética para o contexto da constituição da subjetividade humana no Ocidente e então problematizar: a quase elisão deles devido ao seu rebaixamento para um plano secundário de invisibilidade e de oblivio na Modernidade privou o nosso presente cultural de quê?

Sem dúvida, do cerne da formação humana holística. Esta é a resposta sucinta.

Se agora indagarmos sobre a possibilidade de retorno hoje dos exercícios da Antiguidade, a resposta não pode ser anacrônica.

O resgate e a condição necessária só serão efetivos se realizados a partir de referências atuais e não daquelas específicas de outrora.

A atualidade exige um método de imanência radical: conhecer-se não é um ato de divisão de si próprio com a intenção de tornar precisa a descrição e o estudo desta parte separada, “mas permanecer totalmente presente a si mesmo e estar completamente atento às suas próprias capacidades”¹³.

Para nós, este exercício é o PensArteCorpo.

Ele é uma experiência ética contemporânea que recupera a dimensão original do *Ethos* agregando uma transversalidade integrada de saberes produzida em vários campos do conhecimento como neurociências, física quântica, filosofia da diferença e até a filosofia budista dentre outros inseridos nas várias linguagens da arte.

Assim, ele produz e projeta um novo valor para o saber da bioética em pleno século XXI: a *ética-da-vida* ou *aionética*.

¹² Verbo reflexivo espanhol originário do latim que foi empregado por Espinosa para designar a expressão da causa imanente.

¹³ Cf. GROS, F. **O cuidado de si em Michel Foucault** in Figuras de Foucault. (Orgs) Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 131.

O PensArteCorpo é uma desconstrução, pois rompe com a harmonia do senso comum, desestabilizando as falsas certezas. Ele inventa o abismo que nos cerca para nos fazer capazes do salto para a liberdade por intermédio da vivência educadora, da invenção de si em que se experimenta a vida e se molda a si próprio.

Concluindo, a invenção de si produzida na Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética*, sendo herdeira do *tornar-se o que se é*, supera o conhecimento de si elaborado pela tradição filosófica como um simples conhecimento cognitivo.

Nela não se restringe o melhor modo do ser humano ao plano das virtudes da filosofia tradicional ou da teologia moral como um modelo de perfeição a ser seguido, pois aqui se oportuniza e possibilita um saber rizomático, um sistema aberto de formação humana respeitando a singularidade de cada indivíduo.